

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS – *CAMPUS* FORMIGA

BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO

KAREN CRISTINE FERNANDES

**IMPACTO DE DISCIPLINAS DE EMPREENDEDORISMO
BASEADAS NA ABORDAGEM DO DESIGN THINKING NA
INTENÇÃO EMPREENDEDORA DE ESTUDANTES DE CURSOS
DE GRADUAÇÃO**

FORMIGA – MG

2019

KAREN CRISTINE FERNANDES

**IMPACTO DE DISCIPLINAS DE EMPREENDEDORISMO
BASEADAS NA ABORDAGEM DO DESIGN THINKING NA
INTENÇÃO EMPREENDEDORA DE ESTUDANTES DE CURSOS
DE GRADUAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Federal Campus
Formiga, como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em
Administração

Orientador: Professor Dr. Miguel Rivera
Peres Júnior

FORMIGA – MG

2019

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
2.1 Empreendedorismo como forma educativa.....	8
2.2 Desing Thinking na disciplina de empreendedorismo.....	11
2.3 Influência da Educação Empreendedora na intenção de empreender.....	12
3 METODOLOGIA	13
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	15
4.1 Resultados globais.....	15
4.2 Resultados por curso.....	17
4.3 Variação na Intenção Empreendedora por Aluno.....	18
5 CONCLUSÕES.....	19
REFERÊNCIAS.....	20
ANEXO A.....	24

IMPACTO DE DISCIPLINAS DE EMPREENDEDORISMO BASEADAS NA ABORDAGEM DO DESIGN THINKING NA INTENÇÃO EMPREENDEDORA DE ESTUDANTES DE CURSOS DE GRADUAÇÃO

Karen Cristine Fernandes¹

Miguel Rivera Peres Júnior²

RESUMO

Este artigo teve como objetivo identificar o impacto que a disciplina de Empreendedorismo tem sobre a intenção empreendedora de alunos de graduação. A intenção seria o ponto de partida, a origem para a criação de um novo negócio. Sendo assim, a educação empreendedora poderia vir a moldar o indivíduo, possibilitando o desenvolvimento de habilidades e características inerentes ao empreendedor. Para atingir esse objetivo, foi realizado *survey* em dois momentos distintos: antes e após ser cursada a disciplina de Empreendedorismo junto a discentes de cursos de Administração e Ciência da Computação. Os dados foram analisados sob a ótica da estatística descritiva. Os resultados advindos da análise evidenciaram que, quando observados de forma global, há indícios de que a disciplina de Empreendedorismo baseada na abordagem do Design Thinking influenciou positivamente a Intenção Empreendedora dos alunos. Quando analisado os resultados por curso, eles apresentaram, como pontos convergentes, o aumento da Intenção Empreendedora, entretanto, quando observado de forma isolada, os resultados advindos dos respondentes que participaram da primeira e da segunda coleta de dados, houve indícios de que a maioria dos estudantes, deste recorte do estudo, tiveram sua Intenção Empreendedora reduzida contrariando estudos anteriores.

Palavras chave: Intenção empreendedora; Ensino de empreendedorismo; Formação empreendedora; Design thinking.

1 INTRODUÇÃO

Por determinado período de tempo no Brasil, o empreendedorismo foi visto como uma solução viável para a falta de emprego e as demais demandas decorrentes do cenário socioeconômico do país. Segundo Lima (2008), a ideia de ser empreendedor apresentava o risco de ser entendida de forma errônea, como se a mudança de status de empregado para patrão, com um conhecimento limitado sobre gestão e finanças, fosse o bastante para mudar a condição social dos desempregados.

¹ Graduanda em Administração pelo Instituto Federal Minas Gerais (IFMG) Campus Formiga. E-mail: cristinekaren89@gmail.com

² Doutor em Administração pela Universidade Federal de Lavras. Professor titular do Instituto Federal Minas Gerais (IFMG) Campus Formiga. E-mail: miguel.peres@ifmg.edu.br

Portanto, a preparação do empreendedor para gerir os seus negócios foi uma variável afastada da realidade em questão, o que causou e continua causando inúmeros problemas e até mesmo o fim dos negócios de empreendedores. De acordo com Gontijo (2003) e Saes e Pita (2007), apesar da vontade de ter o próprio negócio, o brasileiro, em sua maioria, não se prepara para geri-lo, o que pode levar o estabelecimento a fechar as portas. Neves e Pessoa (2006) ressaltam que o sonho de muitos é criar a própria empresa, mas, para isso, se faz necessária a habilidade gerencial.

Gradualmente, esta realidade tem sido modificada. Como afirma o Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas – SEBRAE (2016), a taxa de mortalidade de empresas com até dois anos caiu de 45,8% nas empresas criadas em 2008, para 23,4%, nas empresas criadas em 2012; o que aponta para a crescente evolução do pensamento empreendedor no país consequentemente estimulando a procura por aprendizado de gestão e riscos envolvidos na criação de um empreendimento.

Vislumbrando a importância do empreendedorismo nos dias atuais, tem início a preocupação de capacitar o indivíduo para empreender, como citado anteriormente, é necessário certo preparo para empreender (NEVES; PESSOA, 2006). Nesse contexto, abriu-se a oportunidade para surgimento e expansão da educação empreendedora, um tema em franca expansão, que tem chamado a atenção de inúmeros pesquisadores (BALCONI, 2016; COSTA, 2010; ZAMBON, 2014).

Percebe-se, no entanto, que, atualmente, a tecnologia avança exponencialmente a cada dia, tornando o que era atual em obsoleto, fazendo-se necessário um constante e persistente exercício de adaptação, e isso também se aplica às universidades e outras instituições responsáveis pela formação empreendedora. Como afirma Navarro (2014), as tecnologias têm aparecido em intervalos cada vez menores, mas o conhecimento torna-se obsoleto em um ritmo rápido e contínuo. Sendo assim, o ensino proposto por elas deve estar em constante evolução para conseguir atender as novas demandas do mercado de trabalho. De acordo com Dolabela (2008), a Universidade tem papel fundamental neste processo, uma vez que ela é o princípio da inserção na cultura empreendedora, por ser formadora de opinião e disseminadora do saber.

O desenvolvimento do perfil empreendedor, uma das possibilidades da formação empreendedora, envolve capacitar o aluno para desenvolver o senso de criação e para que consiga conduzir e executar novos planos de vida. É de suma importância desenvolver uma consciência de formação, que forme pessoas inovadoras, que detenham as características

básicas para a formação empreendedora (SOUZA, 2001). Segundo Andrade e Torkomian (2001), os programas de educação empreendedora, que vêm sendo desenvolvidos em instituições de todo o mundo, contribuem para a formação de profissionais com informações e conhecimentos técnicos em sua área de formação estimulando a busca pela carreira empreendedora.

Conforme já destacado, o conceito de empreendedorismo está intrinsecamente ligado à abertura de novos negócios. Para o *Global Entrepreneurship Monitor (GEM)*³, por exemplo, o empreendedorismo é:

[...] qualquer tentativa de criação e desenvolvimento de novos negócios ou criação de novas empresas, como o trabalho por conta própria, uma nova organização empresarial, ou a expansão de uma empresa já existente, por um indivíduo, uma equipe de pessoas, ou um negócio estabelecido (REYNOLDS, 1999 apud GRECO, 2017, p. 17).

O ponto inicial para a criação de um novo negócio é a intenção. Neste estágio inicial, o indivíduo avalia o quanto é interessante de seu ponto de vista empreender. Para que a decisão de empreender seja de fato consumada, se faz necessária a profunda reflexão e um planejamento detalhado acerca do possível empreendimento, o que pode demandar um certo período de tempo (CARVALHO; GONZÁLEZ, 2006).

Os avanços tecnológicos e metodológicos vistos nas últimas décadas impactaram de forma significativa os processos de ensino-aprendizagem. Henrique e Cunha (2008) corroboram essa proposição afirmando que as universidades devem incluir e promover metodologias que estimulem o desenvolvimento da criatividade e a busca pelo novo. O acréscimo de novas metodologias na formação empreendedora pode trazer um diferencial e dinamismo para a disciplina. Uma das alternativas surgidas é a incorporação da metodologia Design Thinking aos cursos de formação do empreendedorismo.

Chernow (2006) afirma que a inclusão do Design Thinking na disciplina de Empreendedorismo faz com que ela ultrapasse o tradicional, estimulando os alunos a inovarem.

³ O programa de pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor (GEM)* é uma avaliação anual do nível nacional da atividade empreendedora, que é realizado em nível mundial. O GEM teve início em 1999, com a participação de 10 países, por meio de uma parceria entre a *London Business School*, da Inglaterra, e o *Babson College*, dos Estados Unidos. Ao longo desses 10 anos, mais de 80 países participaram do programa que é, atualmente, o maior estudo contínuo sobre a dinâmica empreendedora. No Brasil, o IBQP – Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade é o executor da pesquisa GEM, desde o ano 2000 (IBQP, 2019).

Sendo o empreendedorismo na educação um diferencial no modo de se apreender, este trabalho se propõe a responder à seguinte questão de pesquisa: Qual o impacto que uma disciplina de empreendedorismo baseada na abordagem Design Thinking tem na formação de intenções empreendedoras de estudantes universitários?

O empreendedorismo, enquanto disciplina, possibilita ao discente de graduação desenvolver e aperfeiçoar habilidades e características que o possibilitem empreender em negócios de diferentes fins. Segundo o Relatório de Sobrevivência das Empresas no Brasil-SEBRAE (2016), a disciplina de empreendedorismo no ensino superior possibilita que estudantes de diversas áreas do conhecimento desenvolvam comportamentos empreendedores e realizem práticas empreendedoras em busca de se aperfeiçoarem profissional e pessoalmente. O empreendedorismo não é apenas para discentes dos cursos voltados para a gestão, todavia são para todos os cursos, e o mais importante, para todas as pessoas. Como ressalta Dornelas (2014), o empreendedorismo pode ser entendido por qualquer pessoa.

Estudos têm demonstrado que indivíduos que passam por processos de capacitação (formais ou não) ligados à temática do empreendedorismo são impactados positivamente em relação às suas intenções de empreender (ACÚRCIO; ANDRADE, 2009; POTISHUK; KRATZER, 2017; ROCHA; SILVA; SIMÕES, 2012; MARTENS; FREITAS, 2008, dentre outros).

A partir dessa contextualização, estabeleceu-se como objetivo deste trabalho, identificar o impacto que a disciplina de empreendedorismo tem sobre a intenção empreendedora de alunos de graduação. O trabalho apresenta conceitos, definições e ferramentas necessárias para efetuar a medida das intenções empreendedoras dos alunos e é voltado para quem possui interesse de estudar a área de empreendedorismo e suas ramificações com base nos modelos de intenção empreendedora.

Saber o impacto que a disciplina de Empreendedorismo causa nas intenções empreendedoras dos alunos fornecerá um panorama sobre o quanto a disciplina em si tem sido capaz de modificar as intenções empreendedoras destes alunos. Destaca-se, também, o fato de que a educação empreendedora tem sido abordada em um grande número de trabalhos de origem nacional e internacional, mas com um conteúdo ainda reduzido quando agregada à metodologia Design Thinking.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste tópico são discutidas as definições e conceitos de Formação Empreendedora, Intenção Empreendedora e Design thinking.

2.1 Empreendedorismo como forma educativa

O empreendedorismo se tornou um termo amplamente divulgado. No Brasil, o empreendedorismo se tornou proeminente a partir da década de 1990 com a criação de entidades como o SEBRAE. A economia desestabilizada que desencadeou o aumento do desemprego no país se mostrou uma adversidade. Algumas pessoas viram uma forma de superar essa fase ruim abrindo o próprio negócio. Assim, foi reforçada o discurso sobre o empreendedorismo no ambiente acadêmico e social (DORNELAS, 2008). Barreto (1998) projetou no empreendedorismo a criação de algo extremamente inovador. Já do ponto de vista de Dolabela (2010) o empreendedorismo é transformar um sonho em realidade.

Os indivíduos empreendedores detêm características consideradas importantes, que podem vir a fazer diferença em sua forma de lidar com determinadas situações e interferir em sua tomada de decisão. Dornelas (2014) coloca como características inerentes ao empreendedor o seu potencial intuitivo, sua capacidade de planejamento, desenvolvimento de uma boa rede de contatos e busca pelo lucro.

Filion (1999) argumenta que empreendedores não se conformam com o conhecimento já adquirido, sendo a busca pela informação e atualização parte constituinte de sua personalidade. Para Das e Teng (1997) correr riscos calculados é uma das características observadas em empreendedores, devido ao elevado grau de dificuldade e incerteza creditados a abertura do próprio negócio. Outra característica frequentemente relacionada ao empreendedor é a capacidade de observar oportunidades em meio a adversidades, propondo novos produtos e serviços (CROMIE, 2000).

Como salientado anteriormente, o empreendedor detém um conjunto de características, no entanto apenas dispor de tais características não o torna diferente de outros indivíduos, sendo assim, é necessário o aperfeiçoamento de tais atributos. Acúrcio e Andrade (2009) reforçam esta tese afirmando que o processo educativo deve promover o potencial empreendedor que todo ser humano possui. A formação empreendedora se apresenta como uma forma de prepará-lo para as funcionalidades do empreendedor, incitando o seu potencial de criação e planejamento, amadurecendo também a sua capacidade de tomar decisões (CASADO; SILUK; ZAMPIERI, 2012). A revisão bibliográfica desenvolvida por Tavares, Moura e Alves (2013)

reforça esta linha de estudo, salientando que as características inerentes aos empreendedores possam vir a serem desenvolvidas em qualquer indivíduo.

Para Moraes et. al (2016), as Instituições de Ensino Superior (IES) são locais propícios para a eventual descoberta do desejo de empreender, sendo responsáveis pela disseminação da cultura empreendedora. Sendo assim, as IES devem preparar os seus discentes para o que os espera no mercado, proporcionando a junção da teoria à prática, possibilitando, assim, a idealização e construção de negócios e produtos inovadores.

De acordo com Casado, Siluk e Zampieri (2012), a educação empreendedora nas universidades tem desempenhado um papel importante no desenvolvimento das habilidades empreendedoras de seus alunos, propiciando o interesse sobre o empreendedorismo e a vontade de empreender, sendo um fator de incentivo à cultura empreendedora.

O ensino de empreendedorismo visa formar profissionais que sejam independentes em relação a sua carreira, podendo se engajar em empreendimentos de diferentes fins. Sendo assim, os ensinamentos devem possuir uma base inovadora e flexível que abra caminho para uma participação ativa do aluno no processo de aprendizagem (DINIZ NETO; FIGUEIREDO; FERRAZ 2012).

Durante o processo de aprendizado do empreendedorismo, o indivíduo passa a considerar como uma opção de carreira vir a se tornar um empreendedor. Mas, antes que, de fato, isso venha a ocorrer, é formada no íntimo do indivíduo a intenção de empreender, articulando ideias e um planejamento detalhado do possível empreendimento que poderá ou não se tornar uma realidade.

Começar um negócio demanda tempo e planejamento. Deve-se pensar com cuidado sobre a influência de cada variável e o possível cenário envolvido no processo de abertura e continuidade de uma empresa. Sendo assim, a concretização de um novo empreendimento é precedida da intenção de empreender (BIRD, 1992). Para Lima et. al (2015), a intenção empreendedora é o quanto o indivíduo acha atraente a ideia de vir a empreender. Fontenele, Sousa e Brasil (2015) corroboram argumentando que o início de novo negócio está ligado ao planejamento detalhado do empreendimento. Desse modo, os empreendedores levam em conta inúmeras variáveis que podem vir a afetar o desempenho de seus negócios de forma positiva ou negativa.

Pensando no ato de empreender como uma ação planejada, a intenção seria o ponto de partida, a origem para a criação de um novo negócio. Davidsson (1995) argumenta que poderia haver uma relação entre a intenção de empreender com a habilidade de perceber as oportunidades decorrentes de determinadas situações. Sendo, então, uma forma não perfeita de prever a tomada de decisão do indivíduo quanto ao fato de empreender.

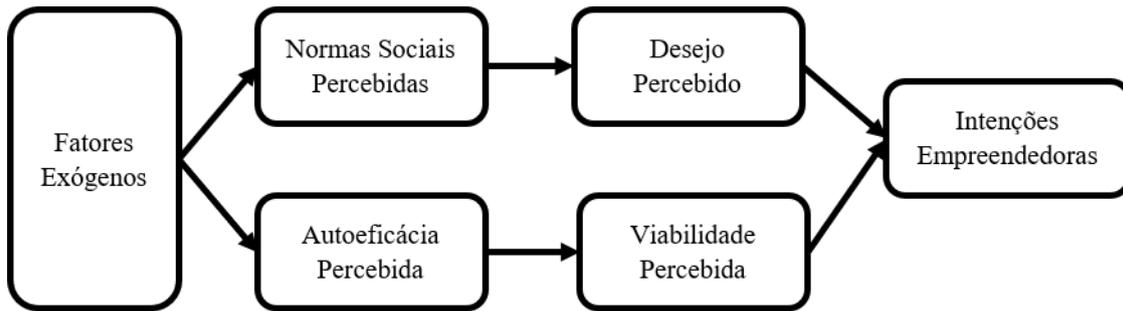
Bird (1992) enfatiza que a intenção de empreender é composta por fatores de ordem pessoal, como os valores, crenças e características advindas do meio social ao qual o indivíduo pertence ou atua. Mostrando o quanto a intenção pode vir a sofrer influência de fatores externos, que fogem ao controle da pessoa.

Neste sentido, Krueger Junior, Reilly e Carsrud (2000) afirmam que a intenção empreendedora é regida por fatores determinantes que dizem respeito ao meio ambiente, sendo estes nomeados como: Fatores Exógenos. De acordo com os autores, os Fatores Exógenos são o princípio de uma corrente constituída por demais Fatores. O primeiro desses Fatores são as Normas Sociais Percebidas, identificadas como o grau em que pessoas próximas e pertencentes ao convívio do empreendedor tendem a aceitar a escolha de empreender como profissão. Esses, por sua vez, influenciariam o Desejo Percebido, que é o quanto o indivíduo considera desejar empreender.

Seguindo a mesma direção, os Fatores Exógenos viriam a influenciar, também, o constructo conhecido como Autoeficácia Percebida, que pode ser definido como o entendimento do indivíduo sobre as suas habilidades expressadas de forma latente sobre a possibilidade de vir a empreender (KRUEGER JUNIOR; REILLY; CARSRUD, 2000).

O constructo Autoeficácia Percebida, por sua vez, seria fator determinante, de acordo com o modelo proposto por Krueger Junior, Reilly e Carsrud (2000), para a dimensão Viabilidade Percebida, que é definida como a percepção do indivíduo de que é factível empreender. A conjunção de todos esses fatores é descrita no modelo elaborado por Krueger Junior, Reilly e Carsrud (2000), nomeado como Modelo Clássico de Intenção Empreendedora (Figura 1), sendo resultante da conjunção desses fatores a formação das Intenções Empreendedoras.

Figura 1- Modelo Clássico de Intenção Empreendedora



Fonte: Adaptado de Krueger Jr., Reilly e Carsrud (2000)

Como exposto na Figura 1, as Intenções Empreendedoras são formadas por fatores advindos do ambiente que influenciam sua forma de ver o mundo e as possibilidades de empreender.

2.2 Desing Thinking na disciplina de Empreendedorismo

De acordo com Brown (2018), o Design Thinking é uma abordagem inovadora e acessível, podendo ser amplamente utilizada. Ainda segundo o autor, o Design thinking pode ser utilizado para geração de ideias inovadoras cujo a implementação venha no intuito de fazer a diferença. Já Alt e Bodian (2018) vão além, explicitando que o Design thinking compartilha a natureza do Design ao ter como foco as pessoas. Para os autores, esta abordagem compartilha conceitos multidisciplinares capazes de proporcionar um pensamento holístico sobre as circunstâncias como um todo para o enfrentamento de problemas de alta complexidade.

Torquato, Willerding e Lapolli (2015) definem o Design thinking, como um processo criativo que tem como base o compartilhamento de ideias. Sendo centrada nas pessoas, é uma ferramenta de trabalho, que resulta em soluções criativas, tendo por objetivo transformar desafios em oportunidades impactando positivamente a organização (TORQUATO; WILLERDING; LAPOLLI, 2015).

Oliveira (2017) aponta como ponto inicial para o emprego do Design thinking um desafio, algo que demande o envolvimento dos indivíduos na resolução do problema, independentemente do contexto em que este desafio se apresenta. Tendo em vista este cenário, o ambiente acadêmico e as disciplinas como a de empreendedorismo devem incitar, em seus alunos, a habilidade de inovar no seu modo de enfrentar os desafios.

O empreendedorismo possui uma ligação genuinamente forte com a inovação (DORNELAS, 2008). Por conseguinte, as metodologias de ensino devem acompanhar o aspecto inovador da disciplina. O acréscimo de novas abordagens junto ao empreendedorismo

trazem um diferencial e dinamismo para a disciplina, o que pode ser observado com a incorporação do Design thinking.

O ato de empreender comumente é associado à criação de algo novo. Na disciplina de empreendedorismo deve-se estimular os alunos a desenvolverem o seu senso criativo, a sua capacidade de pensar por si próprio e assim romper as barreiras até aqui conhecidas. Portanto, a disciplina tem naturalmente tendido a métodos e técnicas de ensino consideradas inovadoras. A união do Design thinking ao empreendedorismo possibilita que o aluno faça parte do processo de aprendizado como um todo, expondo suas opiniões e abrindo novas possibilidades de se aprender, sem as amarras impostas dentro da educação tradicional (CHERNOW, 2006).

2.3 Influência da educação empreendedora na intenção de empreender

Dornelas (2008) desmistifica a existência única do chamado empreendedor nato. Para o autor, pessoas que não nasceram com o dom para criar e gerir empreendimentos são capazes de se capacitar para aprender e incitar características empreendedoras. Qualquer pessoa pode vir a empreender, desde que se prepare para isso, buscando aprender sobre gestão e adquirir experiência para gerenciar o próprio negócio com destreza e maior segurança.

Diniz Neto, Figueiredo e Ferraz (2012) explicitam a importância de incluir e incentivar a inclusão da educação empreendedora nas bases curriculares das instituições de ensino brasileiras, uma vez que, por meio desta, pode ser possível estimular as características pertinentes aos indivíduos detentores do desejo de se tornarem futuros empreendedores.

De acordo com Tavares, Moura e Alves (2013), a educação empreendedora contribui para o amadurecimento da intenção de empreender do indivíduo. Segundo os autores, a educação empreendedora proporciona confiança, embasamento teórico e técnico para iniciar o próprio negócio, favorecendo o desenvolvimento de habilidades e competências.

Um dos grandes diferenciais da educação empreendedora, se comparada a educação tradicional, se encontra no maior grau de participação do aluno. Estando o discente no foco do processo, é possível incentivá-lo a aprender por si mesmo e querer expandir o seu conhecimento. Mas para que o estímulo seja recebido pelos discentes de forma satisfatória, o contato com a metodologia de ensino, até aqui nova, deve ser feito de forma integrada sendo incorporada desde o início da graduação incitando os alunos a exporem suas ideias e aperfeiçoando suas habilidades (TSCHÁ; CRUZ NETO, 2014).

Para Timmons e Spinelli (2004), as atitudes empreendedoras devem ser estimuladas nos discentes desde o ensino técnico até o ensino superior. Seja com o intuito de empreender criando seus próprios negócios ou até mesmo assumindo funções em empresas de pequeno e médio porte de procedência familiar.

Lopes (2010) afirma que a educação empreendedora pode ter como foco a delimitação da formação do indivíduo ou até mesmo se voltar para aqueles que demonstram interesse por determinadas oportunidades, estando assim em uma fase anterior a criação de um negócio (a intenção). Ainda segundo a autora, a educação empreendedora pode auxiliar também aqueles que estão na fase inicial de criação de seus negócios, abrangendo ainda os que já passaram da fase de criação mas se preocupam com estratégias que possibilitem a expansão de seus empreendimentos.

Estudos anteriores, como o de Rodrigues et al. (2019) e Lima et al. (2015), apontam que existe interesse por parte dos discentes em empreender, e em decorrência disso, existe o aumento da procura dos estudantes por disciplinas que tenham ênfase em empreendedorismo. Entretanto, as IES devem fomentar a cultura empreendedora, por meio de experiências práticas e apoio a eventos que aproximem os discentes da realidade vivenciada por empreendedores.

3 METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza como quantitativo, exploratório-descritivo. Para Diehl (2004), a pesquisa quantitativa se caracteriza pela quantificação, presente desde a coleta de dados até o tratamento das informações, utilizando técnicas estatísticas no intuito de proporcionar maior credibilidade aos dados, diminuindo possíveis erros de interpretação. Já a atribuição exploratório-descritiva se dá, uma vez que a pesquisa exploratória proporciona uma visão mais ampla acerca do tema estudado, possibilitando a formulação de hipóteses e a pesquisa descritiva objetiva descrever as características de uma população, fenômeno ou até mesmo estabelecer relações entre variáveis (GIL, 2002).

A amostra analisada neste estudo foi composta por estudantes de graduação dos cursos de Administração e Ciência da Computação matriculados na disciplina de empreendedorismo ministrada no segundo semestre de 2018, sendo que 31 alunos eram do curso de Administração e 40 do curso de Ciência da Computação. A escolha por estes dois cursos se deu pelo fato de que a disciplina de Empreendedorismo faz parte da matriz curricular obrigatória dos cursos para os planos pedagógicos de 2015. Sendo assim, foi ministrada para os discentes de ambos os

cursos, possibilitando a comparação do impacto causado pela disciplina na intenção de empreender dos alunos. Como esta pesquisa contou com duas fases de coleta de dados, a forma de identificação destes discentes foi feita pelo número de matrícula, solicitado durante a aplicação do questionário online. Fato que possibilitou, posteriormente, identificar os discentes que responderam ao questionário nos dois momentos de aplicação.

As disciplinas de Empreendedorismo foram ofertadas na instituição por dois professores, que utilizaram a abordagem do Design Thinking, como um diferencial na dinâmica de ensino dos alunos. Durante o decorrer das disciplinas, os discentes foram incitados a pensar em ideias que pudessem vir a se transformarem em possíveis novos negócios. As disciplinas proporcionaram o conhecimento do passo a passo para o amadurecimento dessas ideias, possibilitando aos alunos uma experiência nova no que diz respeito ao até então conhecimento teórico sobre a abertura e desenvolvimento de negócios.

Quanto ao procedimento de mensuração, utilizou-se o instrumento desenvolvido por Barral (2015) em sua dissertação de mestrado⁴. Neste estudo, foram analisadas as intenções empreendedoras dos alunos de instituições públicas e particulares e chegaram ao resultado de que o tipo de instituição (pública ou privada), não possuía influência efetiva na intenção de empreender.

Neste trabalho, o instrumento foi aplicado em dois momentos. O primeiro momento, deu-se o início da disciplina. O segundo momento, foi após a conclusão da disciplina de empreendedorismo. Partiu-se do pressuposto de que a formação empreendedora impacta na intenção empreendedora. Neste sentido, procurou-se mensurar esse impacto ao término da disciplina para verificar se esse pressuposto, de fato, poderia ser comprovado.

O questionário utilizado neste estudo é composto por 61 questões. As questões são divididas de forma a contemplar todos os constructos previstos no modelo elaborado por Krueger Junior, Reilly e Carsrud (2000), nomeado como Modelo Clássico de Intenção Empreendedora: Normas Sociais Percebidas (7 questões), Desejo Percebido (15 questões), Autoeficácia Percebida (8 questões), Viabilidade Percebida (18 questões) e Intenções Empreendedoras (13 questões). As questões consistiam de afirmações relacionadas aos pressupostos teóricos vinculados aos constructos, mensuradas por meio de Escala Likert de 5 pontos (variando de 1 -discordo totalmente a 5 - concordo totalmente).

⁴ Posteriormente apresentado e discutido em Canever, Barral e Ribeiro (2017) e Barral, Ribeiro e Canever (2018)

Após a coleta de dados, foi realizada a análise dos resultados, que se embasou em estatística descritiva. Para a análise da intenção empreendedora, procedeu-se à análise dos escores médios obtidos em cada questão e em cada conjunto de questões, vinculado aos constructos propostos no modelo, para alcance dos objetivos desta pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os estudantes participantes da primeira coleta de dados, a amostra atingiu o total de 52 alunos, dos quais 24 pertenciam ao curso de Administração (ADM) e 28 ao curso de Ciência da Computação (CC). Foi possível observar que o número de mulheres respondentes deste grupo foi ligeiramente menor do que o número de homens (48,08% de mulheres e 51,92% de homens). No quesito idade, em média, os alunos respondentes tinham 20 anos. A maioria deste grupo não possui outra formação acadêmica além da que estão cursando 92,31%.

Já, em segundo momento, após a conclusão da disciplina, o questionário foi reaplicado atingindo um total de 30 alunos, sendo que 21 pertenciam ao curso de ADM e 9 ao curso de CC. O número de mulheres respondentes foi superior no segundo grupo, totalizando 66,67% e 33,33% de respondentes homens. A idade média deste grupo foi de 21 anos. Como os respondentes do primeiro grupo, a maioria dos respondentes desta etapa também não possuem outra formação além da que estão cursando atualmente 90%.

4.1 Resultados globais

Conforme se pressupunha, a Intenção Empreendedora sofreu um impacto positivo após o transcurso da disciplina. Na primeira coleta de dados, o seu valor foi de 2,93 (em uma escala de 1 a 5) contra 3,18 ao término da disciplina (Tabela 1). Nota-se um crescimento significativo no nível de intenção empreendedora dos alunos (variação de 8,5%). Este resultado corrobora com os resultados de trabalhos anteriores (LIMA et al. 2016; SLOBODA; BANISKI 2014), que colocam a formação empreendedora como influência positiva na intenção de empreender.

Tabela 1 - Média dos constructos dos discentes participantes da pesquisa nas coletas de dados I e II

	Coleta de dados I	Coleta de dados II
Constructos	Escore médio	Escore médio
Normas Sociais Percebidas	3,34	3,04
Desejo Percebido	3,44	3,37

Autoeficácia Percebida	2,93	3,18
Viabilidade Percebida	2,69	2,80
Intenção Empreendedora	2,93	3,18

Fonte: Elaborado pela autora

Como exposto na Tabela 1, o constructo Normas Sociais Percebidas, definido como o grau em que pessoas próximas e pertencentes ao convívio do empreendedor tendem a aceitar a escolha de empreender como profissão, foi maior na primeira coleta de dados (3,34). Este fato pode estar atribuído à influência da opinião de familiares e terceiros em relação aos projetos desenvolvidos no decorrer da disciplina. Uma vez que, a influência de familiares e pessoas próximas ao empreendedor possuem grande relevância sobre a decisão de empreender (TONELLI, 1997). O que pode ter mudado a visão dos alunos sobre a aceitação das pessoas aos seus projetos, causando assim, a sua diminuição (3,04 na segunda coleta de dados).

O construto Desejo Percebido, que diz respeito ao quanto o indivíduo acha desejável empreender, foi de 3,44 na primeira coleta de dados. Já na segunda coleta de dados, o valor do construto diminuiu para 3,37. Este resultado pode estar atrelado à vontade de realizar o sonho de empreender que pode vir a esmorecer, quando são apresentadas as dificuldades de fazer com que um sonho se torne realidade, e mais que isso, se mantenha. Como ressalta Bird (1992), o processo de empreender deve levar em conta cada variável que possa vir a influenciar o processo de abertura e continuidade do novo negócio.

Entretanto, o constructo nomeado Autoeficácia Percebida, definido como entendimento do indivíduo sobre as suas habilidades para iniciar um negócio, obteve o valor de 2,93 na primeira coleta de dados contra 3,18 na segunda coleta de dados. Este valor pode ter sido influenciado pelo processo de aprendizagem no decorrer da disciplina de Empreendedorismo, pois os discentes receberam conhecimento de técnicas para o desenvolvimento de suas ideias, para que elas pudessem adquirir valor de mercado e viabilidade técnica (SEBRAE, 2016).

Quanto ao constructo de Viabilidade Percebida, definida como a percepção de que é viável empreender, em primeiro momento, o seu valor foi de 2,69 contra 2,80. Este valor pode estar associado ao entendimento que os alunos passaram a ter, durante a disciplina de empreendedorismo, ao perceberem que suas ideias poderiam vir a se tornar novos empreendimentos, uma vez que a disciplina propiciou o amadurecimento da intenção empreendedora dos alunos, proporcionando embasamento teórico e técnico para iniciar o próprio negócio (TAVARES; MOURA; ALVES, 2013).

4.2 Resultados por curso

Quando analisados os resultados entre o curso de ADM e CC, os dois momentos da pesquisa apresentam resultados similares entre os cursos. Essa constatação pode representar indícios de que as turmas participantes do estudo estavam em equidade em questão da intenção de empreender, antes de passarem pela disciplina de empreendedorismo baseada na abordagem do Design Thinking, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2- Média dos constructos dos discentes da Administração e Ciência da Computação coleta de dados I e II

Curso	Administração		Ciência da Computação	
	Escore médio		Escore médio	
	Coleta I	Coleta II	Coleta I	Coleta II
Normas Sociais Percebidas	3,32	3,24	3,34	3,57
Desejo Percebido	3,42	3,59	3,44	2,89
Autoeficácia Percebida	2,92	3,32	2,93	2,87
Viabilidade Percebida	2,68	2,80	2,65	2,85
Intenção Empreendedora	2,88	3,37	2,88	3,01

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme observado na Tabela 2, os escores médios do curso de ADM, em sua maioria, apresentaram aumento. Quatro dos cinco construtos se mostraram maiores na segunda coleta de dados (Intenção Empreendedora, Desejo Percebido, Autoeficácia Percebida e Viabilidade Percebida). Entretanto, o constructo Normas Sociais Percebidas foi o único a apresentar um decréscimo. É importante destacar o expressivo aumento da Intenção Empreendedora dentre os alunos do Curso de ADM, em que os alunos passaram de um escore médio de 2,88 para 3,01 – um aumento de 17%.

Ainda de acordo com a Tabela 2, foi possível observar os resultados referentes ao curso de CC nos dois momentos de análise. Neste curso, três dos cinco constructos sofreram aumento (Intenção Empreendedora, Normas Sociais Percebidas e Viabilidade Percebida) sendo que, os constructos Desejo Percebido e Autoeficácia Percebida, apresentaram decréscimo. No primeiro momento de coleta de dados, o constructo Intenção Empreendedora na CC apresentou o valor

de 2,88, enquanto que no segundo momento de análise esse valor aumentou para 3,01 (aumento de 4,5%). O aumento do valor do constructo pode estar associado ao impacto causado pela disciplina de empreendedorismo. Uma vez que, em seu transcorrer, os alunos da CC foram capazes de absorver conhecimentos sobre como desenvolver e dar prosseguimento aos projetos elaborados no transcorrer da disciplina.

Os cursos apresentaram como pontos convergentes o aumento nos constructos Intenção Empreendedora e Viabilidade Percebida. Este resultado pode ser um indício de que a disciplina de Empreendedorismo fomentou a vontade de empreender dos alunos e proporcionou conhecimento teórico e prático para o desenvolvimento de possíveis empreendimentos. Como pontos divergentes, se destacaram o aumento do constructo Desejo Percebido no curso de ADM e sua diminuição no curso de CC. Este resultado mostrou indícios de que ao final da disciplina de empreendedorismo os alunos da ADM possuíam mais vontade de empreender do que os alunos de CC. O resultado foi semelhante com o constructo Autoeficácia Percebida, que aumentou na ADM e diminuiu na CC, demonstrando indícios de que os alunos da ADM se sentiram mais confiantes com seus conhecimentos adquiridos no transcorrer da disciplina de empreendedorismo. Em contrapartida, o constructo Normas Sociais Percebidas decresceu na turma da ADM e sofreu acréscimo na turma de CC.

4.3 Variação na Intenção Empreendedora por Aluno

Quando levado em consideração apenas os alunos que responderam ao questionário nos dois momentos em que foram aplicados, é possível fazer alguns apontamentos. Nesta análise, a amostra atingiu um total de 23 estudantes, sendo que, deste total, 73,9% eram do curso de ADM e 26,1% do curso de CC. A maioria dos respondentes foi do sexo feminino, perfazendo 65% da amostra contra apenas 35% de respondentes do sexo masculino. No quesito idade, em média os alunos respondentes tinham 21 anos.

Tabela 3- Variação na Intenção Empreendedora por aluno e por curso

Intenção empreendedora	Administração	%	Ciência da Computação	%	Total	%
Aumentou	6	35,3	4	66,7	10	43,5
Diminui	9	52,9	2	33,3	11	47,8
Permaneceu igual	2	11,8	0	0	2	8,7
Total	17	100	6	100	23	100

Fonte: Elaborado pela autora

A Tabela 3 ilustra a variação na Intenção Empreendedora dos alunos. Conforme se observa nos resultados fornecidos por essa amostra, o constructo Intenção Empreendedora foi impactado, positivamente, em 43,5% dos alunos.

No entanto, apesar das evidências anteriores indicarem que a Intenção Empreendedora cresce quando os alunos participam de processos de formação empreendedora (ACÚRCIO; ANDRADE, 2009; POTISHUK; KRATZER, 2017; ROCHA; SILVA; SIMÕES, 2012; MARTENS; FREITAS, 2008, dentre outros), no presente estudo verificou-se que a maioria dos alunos (56,5%) não foi. Neste recorte do estudo, 47,8% dos respondentes apresentaram diminuição e 8,7% permaneceram com o mesmo nível de Intenção Empreendedora.

Há, contudo, uma diferença entre os alunos de cada curso. A Tabela 3 destaca que a Intenção Empreendedora da maioria dos alunos da CC (nesta amostra) apresentaram aumento da intenção de empreender (66,7%) enquanto que, dentre os alunos do Curso de ADM, a maioria apresentou redução (52,9%). Uma possível explicação para este resultado pode ser a estrutura ainda carente por parte da instituição para fomento e desenvolvimento de novos negócios como, por exemplo, a inexistência de uma incubadora de empresas no *campus*. A falta de uma estrutura de apoio e recursos financeiros podem ser alguns dos pontos que influenciaram, de forma negativa, a Intenção Empreendedora dos alunos.

5 CONCLUSÕES

O presente estudo teve como objetivo identificar o impacto que a disciplina de empreendedorismo tem sobre a intenção empreendedora de alunos de graduação. Neste intento, foi utilizado um questionário adaptado de Barral (2015) em dois momentos. Sendo que o primeiro momento se deu antes do início efetivo da disciplina de empreendedorismo e o segundo após o término dela. Sendo assim, o estudo atingiu o seu objetivo.

Foi possível observar que os resultados globais apontaram indícios de que a disciplina de empreendedorismo, baseada na abordagem do Design Thinking, influenciou positivamente a Intenção Empreendedora dos alunos. Entretanto, quando observado apenas os resultados advindos dos respondentes que participaram da primeira e da segunda coleta de dados, foram observados indícios de que, a maioria dos estudantes tiveram sua Intenção Empreendedora impactada de forma negativa contrariando estudos anteriores.

Ressalta-se o número pequeno de estudantes que participaram das duas coletas de dados, fato que pode ter afetado os resultados obtidos até então. Contudo, o número de estudantes

impactados de forma positiva pela disciplina foi ligeiramente menor. Além disso, ressalta-se a contribuição destes resultados para o estudo da Intenção Empreendedora foco ainda recente de pesquisas.

Como limitações, ressaltam-se a comparação entre apenas dois cursos, a dificuldade referente a participação dos discentes e conseqüentemente a amostra reduzida nos dois momentos de coleta de dados. Como sugestões para pesquisas futuras, é possível abranger um número maior de cursos e até mesmo comparações entre instituições de ensino, sendo passível de estudo também a influência que o professor pode vir a ter nos resultados. Por fim, recomenda-se a complementação e enriquecimento desta pesquisa com o uso de técnicas qualitativas.

REFERÊNCIAS

ACÚRCIO M. R. B; ANDRADE S. C. **Empreendedorismo na escola**. São Paulo: Artmed, 2009.

ALT, L; BODIAN, S. **Design Thinking Brasil: empatia, colaboração e experimentação para pessoas, negócios e sociedade**. 2018.

ANDRADE, R. F.; TORCOMIAN, A. L. V. Fatores de influência na estruturação de programas de educação empreendedora em instituições de ensino superior. **Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas**, v. 2, p. 299-311, 2001.

BALCONI, S.B. **A influência das atividades de educação empreendedoras sobre as características empreendedora dos alunos de graduação da universidade federal de Santa Maria-UFSM**. 2016. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

BARRAL, M. R. M. Influência do ambiente universitário na intenção empreendedora: Uma análise comparativa para universidades públicas e privadas no Brasil. **Pelotas: UFPel**, 2015.

BARRAL, M. R. M; RIBEIRO, F. G; CANEVER, M. D. Influence of the university environment in the entrepreneurial intention in public and private universities. **RAUSP Management Journal**, v. 53, n. 1, p. 122-133, 2018.

BARRETO, L. P. Educação para o empreendedorismo. **Salvador: Escola de Administração de Empresas da Universidade Católica de Salvador**, 1998.

BIRD, B. J. The operation of intentions in time: The emergence of the new venture. **Entrepreneurship Theory and practice**, v. 17, n. 1, p. 11-20, 1992.

BROWN, T. **Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias**. 2018.

CANEVER, M. D; BARRAL, Maria R. M; RIBEIRO, F. G. How does the public and private university environment affect students' entrepreneurial intention?. **Education+ Training**, v. 59, n. 6, p. 550-564, 2017.

CARVALHO, P. M. R. de; GONZÁLEZ, L. Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora. **Comportamento Organizacional e Gestão**, v. 12, n. 1, p. 43-65, 2006.

CASADO, F. L.; SILUK, J. C. M.; ZAMPIERI, N. L. V. Universidade empreendedora e desenvolvimento regional sustentável: proposta de um modelo. **Revista de Administração da UFSM**, v. 5, n. edição especial, p. 633-650, 2012.

CHERNOW, R. A. CAPÍTULO 5 EMPREENDEDORISMO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR AMERICANA. **Innovation and Entrepreneurialism in the University**, p. 153, 2006.

COSTA, M. I. B.M. **Formação empreendedora no ensino superior**: estudo da faculdade de ciências da Administração de Garanhuns-FAGA no período de 2006 a 2010. 2010. 178 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gestão Pública Para O Desenvolvimento do Nordeste/mpane, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2010.

CROMIE, S. Assessing entrepreneurial inclinations: some approaches and empirical evidence. **European Journal of Work and Organizational Psychology**, v. 9, n.1, p. 7-30, 2000.

DAS, T. K.; TENG, B-S. Time and entrepreneurial risk behavior. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, v. 22, n.2, p. 59-89, 1997.

DAVIDSSON, P. Determinants of entrepreneurial intentions. In.: RENT XI WORKSHOP, 1995, Piacenza. Anais..., Piacenza, 1995.

DIEHL, Astor Antonio. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**: métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DINIZ NETO, A.; FIGUEIREDO, A. F.; FERRAZ, F. T. **A Importância da Educação Empreendedora para a Formação do Profissional Reflexivo**. 2012. Disponível em: <<http://www.inovarse.org/filebrowser/download/9210>>. Acesso em: 18/04/ 2019.

DOLABELA, F. Oficina do empreendedor: A metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DOLABELA, F. A corda e o sonho. **Revista HSM Management**, v. 80, p. 128-132, 2010.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

_____. **Empreendedorismo**. Elsevier Brasil, 2008.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de administração**, v. 34, n. 2, p. 5-28, 1999.

FONTENELE, R. E.S.; BRASIL, M. V.O.; SOUSA, A. M. R. Influência da intenção empreendedora de discentes em um instituto de ensino superior. **REGPEPE-Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 4, n. 3, p. 147-176, 2015.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, p. 44-45, 2002.

GRECO, S.M..S. (Coord.). **Global Entrepreneurship Monitor - Empreendedorismo no Brasil: 2016**. Curitiba: IBQP, 2017.

GONTIJO, J. **Há muitos empreendedores no Brasil, mas falta preparo**. 2003. Disponível em: < <https://www.otempo.com.br/mobile/capa/economia/h%C3%A1-muitos-empreendedores-no-brasil-mas-falta-preparo-1.669323?amp>. > Acesso em: 28 maio 2018.

HENRIQUE, D. C.; CUNHA, S. K. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. **Revista de Administração Mackenzie**, v.9, n. 5, p.112-136, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DA QUALIDADE E PRODUTIVIDADE – IBQP. Global Entrepreneurship Monitor. Disponível em: < <http://www.ibqp.org.br/gem/>>. Acesso em 30 maio 2019.

KRUEGER JR, N., REILLY, M., CARSRUD, A. Competing models of entrepreneurial intentions. **Journal of Business Venturing**, v.15,n.5-6 p. 411–432, 2000.

LIMA, Aguinaldo Luiz de. **Os riscos do empreendedorismo: a proposta de educação e formação empreendedora**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

LIMA, E. et al. Ser seu próprio patrão? Aperfeiçoando-se a educação superior em empreendedorismo. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 19, n. 4, p. 419-439, 2015.

LIMA, S. H. O. et al. Modelagem de Intenção Empreendedora de Estudantes Universitários Usando Equações Estruturais. **Revista Pretexto**, v. 17, n. 2, p. 42-65, 2016.

LOPES, R. M. A. **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Elsevier, 2010.

MARTENS, Cristina Dai Prá; FREITAS, Henrique. Influência do ensino de empreendedorismo nas intenções de direcionamento profissional dos estudantes. **Estudo & Debate**, v. 15, n. 1, p. 71-95, 2008.

MORAES, M. B.; et al. **Intenção empreendedora de alunos de graduação de uma universidade municipal do estado de São Paulo**, 2016.

NAVARRO, Leila. **A importância da disciplina para o empreendedor**. 2014. Disponível em: <<https://carreiras.empregos.com.br/seu-emprego/a-importancia-da-disciplina-para-o-empreendedor/>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

NEVES, J.A.D. PESSOA, R.W.A. Causas da mortalidade micros e pequenas empresas: o caso das lojas de shopping center. **Revista Organizações em contexto**, v.2, n.4, p. 165-195, 2006.

OLIVEIRA, H. C. **A utilização do design thinking como método para o ensino de empreendedorismo**. 2017.120 f. Dissertação (Mestrado)- Curso Administração das Micro e Pequenas Empresas, Faculdade Campo Limpo Paulista, Campo Limpo Paulista, 2017.

POTISHUK, Viktoriia; KRATZER, Jan. Factors affecting entrepreneurial intentions and entrepreneurial attitudes in higher education. **Journal of Entrepreneurship Education**, v. 20, n. 1, 2017.

ROCHA, Andreia; SILVA, Maria José; SIMÕES, Jorge. Intenções empreendedoras dos estudantes do ensino secundário: o caso do programa de empreendedorismo na escola. **Economia Global e Gestão**, v. 17, n. ESPECIAL, p. 77-97, 2012.

RODRIGUES, Ingrid Lustosa et al. Intenção empreendedora em estudantes de administração: um estudo com estudantes da Universidade Federal do Ceará. **REMIPE-Revista de Micro e Pequenas Empresas e Empreendedorismo da Fatec Osasco**, v. 5, n. 1 Jan-Jun, p. 65-84, 2019.

SAES, D. X; PITA, F. H. S. Empreendedorismo no ensino superior: uma abordagem teórica. **Maringá Management**, v. 4, n. 2, 2009.

SEBRAE. **Sobrevivência das empresas no Brasil**. Portal Sebrae, 2016. Anexos. Disponível em: < http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal_Sebrae/Anexos/sobrevivencia-das-empresas-no-brasil-relatorio-2016.pdf >. Acesso em: 28 maio 2018.

SLOBODA, E. R. BANISKI, G.M. MOTIVAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2014. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uepg_dtec_artigo_edna_rompava_sloboda.pdf>. Acesso em 15 de maio 2019. ISBN 978-85-8015-080-3

SOUZA, E. C. L. de. A disseminação da cultura empreendedora e a mudança na relação universidade-empresa. Empreendedorismo: competência essencial para pequenas e médias empresas. Brasília, DF: ANPROTEC, 2001. p. 28-41.

TAVARES, C. E. M.; MOURA, GL de; ALVES, J. N. Educação empreendedora e a geração de novos negócios. **Observatorio de la Economía Latinoamericana**, n. 188, 2013.

TIMMONS, J.; SPINELLI, S. New venture strategies: Entrepreneurship for the 21st century. **Burr Ridge, IL: Irwin-McGraw-Hill Publishers**, 2004.

TONELLI, Alessandra et al. **Elaboração de uma metodologia de capacitação aplicada ao estudo das características comportamentais dos empreendedores.** 1997.

TORQUATO, M; WILLERDING, I. A. V; LAPOLLI, E. M. A ferramenta Design Thinking: uma estratégia da gestão empreendedora da inovação para o despertar criativo em organizações. In: **XVI Congresso Latino-iberoamericano de Gestão da Tecnologia: Porto Alegre.** 2015.

TSCHÁ, E. R.; CRUZ NETO, G.G. Empreendendo colaborativamente ideias, sonhos, vidas, e carreiras: o caso das células empreendedoras. In: BECKER, A. R. Educação Empreendedora: a formação de futuros líderes. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) Educação para o empreendedorismo. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

ZAMBON, S. A. **Educação Empreendedora:** Análise dos temas abordados no ensino fundamental, médio e superior. 2014. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência, Tecnologia e Sociedade, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

ANEXO A- QUESTIONÁRIO ADAPTADO DE BARRAL (2015)

Prezado aluno(a),

Você irá participar de um estudo para meu Trabalho de Conclusão de Curso- (TCC) do Bacharelado em Administração do IFMG campus Formiga. Trata-se de avaliar as suas intenções empreendedoras.

Para que os resultados desta pesquisa sejam confiáveis, pedimos que você responda as questões de forma honesta e franca. O questionário levará menos de 15 minutos para ser preenchido. Chamamos a sua atenção para o fato de que: (a) sua participação é voluntária; (b) você pode a qualquer momento desistir de completar o questionário; e (c) você não necessita responder questões que você não queira.

Todas as informações são confidenciais e não serão divulgadas.

Atenciosamente,

Karen Cristine Fernandes

Aluna do curso de graduação do Bacharelado em Administração IFMG campus Formiga.

A. Dados Sociodemográficos

Qual seu sexo? () Feminino () Masculino **Idade (em anos):**

Estado Civil: () Solteiro(a) () União Estável () Casado(a) () Casado(a) () Viúvo(a)

Em que cidade você mora? () Formiga () Arcos () Outra. Qual?

Qual o seu curso na universidade?

Data prevista da formatura (Mês/Ano):

Você tem outra formação acadêmica? () Não () Sim. Qual?

Responder as questões de acordo com o seu nível de satisfação a partir da seguinte escala:

Nada satisfeito (1) (2) (3) (4) (5) Muito satisfeito

	1	2	3	4	5
Você está satisfeito com o seu curso de graduação?					
Você está satisfeito com a sua Instituição de Ensino Superior?					

Dada a sua realidade atual (de conhecimento, econômica, aspirações, etc), o que você planeja fazer após a sua formatura?

- (1) Continuar estudando (Especialização, Mestrado....)
- (2) Montar o meu próprio negócio
- (3) Trabalhar no(s) negócio(s) de minha família
- (4) Trabalhar como empregado(a) no setor privado
- (5) Trabalhar como empregado(a) no setor público através de concurso público
- (6) Fazer mais de uma das alternativas anteriores. Quais.....
- (7) Não sabe

Em sua família alguém tem negócio próprio (escolha conforme as seguintes opções sendo possível marcar mais de uma se for o caso):

() Pai () Mãe () Irmão () Irmã () Avós () Outros..... () Não

Você já pensou em se tornar um empreendedor? () Sim () Não

Qual é a renda familiar mensal de sua casa?

- () até um salário mínimo
- () de um salário mínimo a três salários mínimos

- de quatro a seis salários mínimos
- de sete a dez salários mínimos
- mais que dez salários mínimos

Você trabalha atualmente?

- Sim, tenho meu próprio negócio
 - Sim, trabalho no(s) negócio(s) de minha família
 - Sim, trabalho como estagiário(a) no setor privado
 - Sim, trabalho como empregado(a) no setor privado
 - Sim, trabalho como estagiário(a)/bolsista no setor público
 - Sim, trabalho como empregado(a) no setor público
- A quanto tempo você está nesse trabalho (em meses)?
- Não trabalho

Qual o nível de instrução de seu pai?

- sem escolaridade
- ensino fundamental (1º grau) incompleto
- ensino fundamental (1º grau) completo
- ensino médio (2º grau) incompleto
- ensino médio (2º grau) completo
- superior incompleto
- superior completo
- pós graduação e/ou mestrado e/ou doutorado
- não sei informar

Qual o nível de instrução de sua mãe?

- sem escolaridade
- ensino fundamental (1º grau) incompleto
- ensino fundamental (1º grau) completo

- ensino médio (2º grau) incompleto
- ensino médio (2º grau) completo
- superior incompleto
- superior completo
- pós graduação e/ou mestrado e/ou doutorado
- não sei informar

Como fez seus estudos de ensino fundamental (1º grau)?

- integralmente em escola pública
- integralmente em escola particular
- maior parte em escola pública
- maior parte em escola particular

Como fez seus estudos de ensino médio (2º grau)?

- integralmente em escola pública
- integralmente em escola particular
- maior parte em escola pública
- maior parte em escola particular

Você frequentou cursinho preparatório para o vestibular/Enem?

- sim, por menos de 1 semestre
- sim, por 1 semestre
- sim, por um ano
- sim, por mais de um ano
- não Se você deseja receber uma cópia dos resultados, escreva o seu endereço de e-mail abaixo de forma legível:

B. Intenções Empreendedoras

I- Responda as próximas questões levando em consideração como pessoas que são importantes na sua vida pensam sobre a possibilidade de você se tornar um(a) empreendedor(a).

Responder as questões a partir do seu nível de concordância com as seguintes frases:

Discordo totalmente (1) (2) (3) (4) (5) Concordo totalmente

	1	2	3	4	5
1. Se eu decidisse iniciar o meu próprio negócio, meus parentes e familiares apoiariam a minha decisão					
2. Se eu decidisse iniciar o meu próprio negócio, meus amigos apoiariam a minha decisão					
3. Pessoas conhecidas e que se interessam por mim querem que eu inicie o meu próprio negócio					
4. Tornar-se um(a) empreendedor(a) é considerado uma boa opção na minha família					
5. Eu me importo com a opinião da minha família em relação a minha carreira					
6. Eu me importo com a opinião dos meus amigos em relação a minha carreira					
7. Eu me importo com a opinião de pessoas importantes para mim em relação a minha carreira					

II- As próximas questões deverão ser respondidas de acordo com o desejo de se tornar um(a) empreendedor(a).

Você frequentaria cursos de empreendedorismo que desenvolvessem os seguintes aspectos empresariais? Indique a partir de: Improvável (1) (2) (3) (4) (5) Muito Provável

	1	2	3	4	5
8. Conhecimentos sobre o ambiente empresarial					
9. A importância da figura do empreendedor para a sociedade					
10. As vantagens de ser um empreendedor					
11. As habilidades necessárias para ser um empreendedor					
12. Conhecimentos de como criar uma nova empresa					

Responder as seguintes questões a partir de: Discordo totalmente(1) (2) (3) (4) (5) Concordo totalmente

	1	2	3	4	5
13. Para mim, ser um(a) empreendedor(a) implica em mais vantagens do que desvantagens					
14. Para mim, uma carreira como empreendedor(a) é atrativa					
15. Se eu tivesse a oportunidade e os recursos, eu gostaria de criar uma empresa					
16. Para mim, ser um(a) empreendedor(a) traria grande satisfação					
17. De todas as opções de carreira disponíveis, a que eu preferiria é ser um(a) empreendedor(a)					
18. Eu desejo muito iniciar o meu próprio negócio					
19. Nada me estressaria se eu iniciasse o meu próprio negócio					
20. Eu não acho que será um trabalho insuportável iniciar o meu próprio negócio					
21. Eu considero altamente desejável para as pessoas com a minha educação ser um empreendedor					
22. Eu preferiria começar uma nova empresa do que ser o gerente de uma já existente					

III – Agora você responderá a respeito da percepção da sua capacidade pessoal de se tornar um(a) empreendedor(a).

Responder as seguintes questões a partir de: Discordo totalmente (1) (2) (3) (4) (5) Concordo totalmente

	1	2	3	4	5
23. Eu confio que posso identificar facilmente novas oportunidades de negócio					
24. Eu confio que posso pensar de forma criativa sobre questões relacionadas aos negócios					
25. Eu confio na minha capacidade para sugerir novas ideias para produtos e serviços					

26. Eu estou mentalmente preparado(a) para iniciar um novo negócio					
27. Eu sei os detalhes práticos necessários para iniciar um novo negócio					
28. Eu posso identificar uma boa oportunidade muito antes dos outros					
29. Eu tenho as habilidades e capacidades necessárias para ter sucesso como um(a) empreendedor(a)					
30. Eu confio na minha capacidade para delegar tarefas ou responsabilidades a outros					

IV – As questões a seguir referem-se sobre a sua percepção da viabilidade de se iniciar um novo negócio.

Responder as seguintes questões a partir de: Discordo totalmente (1) (2) (3) (4) (5) Concordo totalmente

	1	2	3	4	5
31. Eu sei de muitas pessoas na minha universidade que iniciaram com sucesso o próprio negócio					
32. Na minha universidade, há uma boa infraestrutura de apoio para o começo de novas empresas					
33. Na minha universidade, as pessoas estão ativamente encorajadas a seguir as suas próprias ideias					
34. Na minha universidade, há várias pessoas com boas ideias para um novo negócio					
35. Para mim, seria fácil iniciar o meu próprio negócio					
36. Para mim, não seria problema iniciar o meu próprio negócio					
37. Começar a própria empresa, provavelmente, é a melhor forma de aproveitar a minha educação					
38. Estou confiante de que eu teria sucesso se eu começasse meu próprio negócio					

Para cada uma das seguintes possíveis formas de apoio à criação de empresas existentes no Brasil, indicar o seu nível de conhecimento a partir de: Nenhum conhecimento (1) (2) (3) (4) (5) Muito conhecimento

	1	2	3	4	5
39. Formação específica para jovens empresários					

40. Empréstimos em termos especialmente favoráveis					
41. Assistência técnica para iniciar o negócio					
42. Centros de negócios / redes					
43. Consultoria em condições favoráveis					
44. Acessibilidade ao mercado em condições favoráveis					
45. Políticas favoráveis para iniciar negócios					
46. Oportunidade prontamente disponível de iniciar os negócios					

V – As últimas questões serão direcionadas para a avaliação da sua real intenção de se tornar um empreendedor. Responder as seguintes questões a partir de: Discordo totalmente (1) (2) (3) (4) (5) Concordo totalmente

	1	2	3	4	5
47. Eu tenho a intenção de começar e desenvolver um negócio com alto potencial de crescimento					
48. Meu objetivo profissional é me tornar um(a) empreendedor(a)					
49. Tenho pensado muito seriamente em começar uma empresa					
50. Tenho a firme intenção de criar uma empresa algum dia					
51. Eu farei qualquer esforço para iniciar e conduzir o meu próprio negócio					

Responder as seguintes questões a partir de: Improvável(1) (2) (3) (4) (5) Muito provável

	1	2	3	4	5
52. Qual a probabilidade de que você vai escolher uma carreira como empresário independente?					
53. Qual a probabilidade de você começar o seu próprio negócio no próximo ano?					

54. Qual a probabilidade de você começar o seu próprio negócio nos próximos 5 anos?					
---	--	--	--	--	--

Estas questões dizem respeito à sua opinião sobre a disciplina de Empreendedorismo. Responder as seguintes questões a partir de: Discordo totalmente (1) (2) (3) (4) (5) Concordo totalmente

	1	2	3	4	5
55. Empreendedorismo não pode ser ensinado					
56. A disciplina de Empreendedorismo da minha universidade prepara bem seus alunos para empreender					
57. A disciplina de Empreendedorismo fomenta a vontade de empreender					

Para concluir o questionário responder as seguintes questões a partir de: Nenhum conhecimento (1) (2) (3) (4) (5) Muito Conhecimento

	1	2	3	4	5
58. Qual o nível de conhecimento você acredita ter para iniciar um novo negócio?					
59. Quanto desse conhecimento você acredita ter recebido na sua universidade?					
60. Qual o nível de conhecimento você acredita ter para administrar/gerenciar um novo negócio?					
61. Quanto desse conhecimento você acredita ter recebido na sua universidade?					